



PIB começou a abrandar e risco de recessão é maior

Sinais de desaceleração já são visíveis na economia. Há quem admita uma recessão técnica em Portugal já este ano

Não acontecia desde meados de janeiro. Pela primeira vez em mais de sete meses — e depois de abrandar em agosto — a média semanal do Indicador Diário de Atividade Económica (DEI), calculado pelo Banco de Portugal (BdP), caiu para valores negativos desde o início de setembro. Ou seja, este indicador composto que procura retratar, quase em tempo real, a evolução da atividade

no país sinaliza um recuo face ao mesmo período de 2021. É um alerta para o abrandamento da economia portuguesa no terceiro trimestre. Resta conhecer a intensidade: se o Produto Interno Bruto (PIB) conseguirá crescer em relação aos três meses anteriores ou se haverá uma contração. Os economistas ouvidos pelo Expresso dividem-se, mas todos destacam o risco de uma queda nos últimos três meses do ano. A informação disponível sobre o comportamento da economia portuguesa durante este verão é ainda muito parcelar. Os dados relativos a agosto são

escassos e em relação a setembro quase inexistentes. Ainda assim, “há claros sinais de perda de força da atividade”, considera Paula Carvalho, economista-chefe do BPI. A começar pelo DEI (ver gráficos), “que tem sido um dos melhores e mais rápidos indicadores para aferir o estado da economia portuguesa. Infelizmente, particularmente a partir de setembro, dá sinais de arrefecimento quer na comparação com o ano passado quer com 2019”, alerta João Borges de Assunção, professor da Católica Lisbon. Paula Carvalho destaca ainda, pela negativa, as vendas de cimento (para o mercado interno recuaram 5,4% em julho) e a produção industrial (recuou 0,1% em termos homólogos em julho).

Quanto aos indicadores de confiança, “permanecem deprimidos de forma transversal em todos os sectores, com destaque para as famílias”, aponta Paula Carvalho. Ao mesmo tempo, os indicadores coincidentes para a atividade económica e para o consumo privado, calculados pelo BdP, continuam a arrefecer. Em julho, o primeiro

Desemprego registado sobe

É o primeiro sinal de alerta no mercado de trabalho português. Depois de meses em queda, com o número de desempregados registados nos centros de emprego a cair para mínimos desde pelo menos 2003, em agosto verificou-se um aumento de 1,9% face a julho, para 282.847 pessoas. Já em termos homólogos recuou 23,2%. Quanto à taxa de desemprego, o último valor do Instituto Nacional de Estatística refere-se a julho, quando baixou para 5,9%, menos 0,1 pontos percentuais do que em junho, e menos 0,7 pontos percentuais do que em julho de 2021. CÁTIA MATEUS e S.M.L.

registou uma variação homóloga de 6,4%, o que compara com 6,7% em junho. O segundo ficou pelos 3,4%, quando em junho estava nos 4,3%. Nota ainda para o consumo médio de energia elétrica em dia útil, que cresceu 1,3% em agosto em termos homólogos, o valor mais baixo desde janeiro.

Contudo, “também há sinais de resiliência e de robustez” na economia portuguesa, vincia a economista-chefe do BPI. A começar pelo turismo, com forte crescimento face ao ano passado — ainda afetado pelas restrições associadas à pandemia de covid-19 — e batendo recordes de 2019. Em julho, as dormidas aumentaram 90,1% face a 2021, ficando 4,8% acima de julho de 2019. E o rendimento médio por quarto disponível — indicador-chave sobre a rentabilidade do setor — aumentou 23% face a julho de 2019. “Mesmo descontando o efeito da inflação, são excelentes indícios do contributo forte que o turismo irá dar para os números do terceiro trimestre”, destaca Pedro Brinca, professor da Nova SBE. Já em agosto, os dados da Associação dos Hotéis e Empreendimentos Turísticos do Algarve (AHETA) indicam que a taxa de ocupação/quarto no Algarve foi de 93,1%, 0,2 pontos percentuais acima de agosto de 2019.

Também as vendas ao exterior resistem à degradação da conjuntura — as exportações de bens subiram 28,3% em termos nominais em julho face a 2021, ainda que abrandando face aos 37,4% de incremento em junho —, bem como indicadores sobre o consumo. Os dados da SIBS, solicitados pelo Expresso, indicam que na primeira metade de setembro as operações na rede Multibanco mantiveram um forte crescimento. O valor total das operações de pagamento eletrónico (compras presenciais, pagamento de serviços, carregamento de telemóveis e pagamentos ao Estado) cresceu 22% em termos homólogos, em linha com o registado no conjunto de agosto e pouco abaixo dos 26% de julho.

Quanto ao mercado de trabalho, o desemprego registado no país aumentou ligeiramente em agosto face a julho, mas permanece perto de mínimos históricos (ver caixa).

PIB vai cair?

Tudo somado, “parece-nos pouco provável um crescimento negativo no terceiro trimestre, dado o impulso favorável do turismo, que se aproximou e em alguns casos superou o patamar de 2019”, frisa Paula Carvalho. A projeção do BPI é de um crescimento de 0,2% face aos três meses anteriores e de 4,5% em relação ao mesmo período de 2021. “Creio que os números serão bastante influenciados pelo efeito base e pelo turismo, esperando um crescimento robusto em termos homólogos, provavelmente um pouco acima dos 4%, mas

à volta de zero em cadeia”, afirma, por sua vez, Pedro Brinca. Mais pessimistas são os números da última síntese de conjuntura do ISEG. Lembrando que “a evolução da atividade foi favorável em julho, mas alguns indicadores sugerem que poderá ter sido menos favorável posteriormente”, antecipa que o PIB recue 0,2% em cadeia, crescendo 4,1% em termos homólogos no terceiro trimestre.

Unânime é a opinião de que o cenário é complicado para os últimos três meses do ano. “A zona euro está a ficar mais frágil, o que acabará por se refletir na economia portuguesa”, diz João Borges de Assunção. “No último trimestre é possível que se registre um arrefecimento mais profundo, refletindo o contágio do esperado abrandamento mais forte das economias europeias, os efeitos do aumento das taxas de juro e da inflação persistentemente elevada sobre o rendimento disponível das famílias e resultados e volumes de negócio das empresas”, salienta Paula Carvalho. Para esse período “admitimos possibilidade de queda da atividade”, frisa.

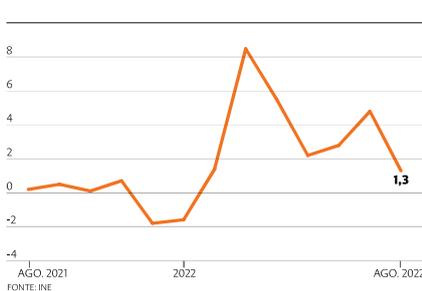
Os indicadores disponíveis “sinalizam que a economia está a abrandar e que temos pela frente um último trimestre em que o risco de ter crescimento negativo é real”, vincia, por sua vez, Pedro Brinca, admitindo uma recessão técnica — dois trimestres consecutivos de variação em cadeia negativa do PIB — na segunda metade de 2022. “É um cenário que se tor-

Economistas esperam um arrefecimento mais profundo da economia portuguesa no último trimestre do ano

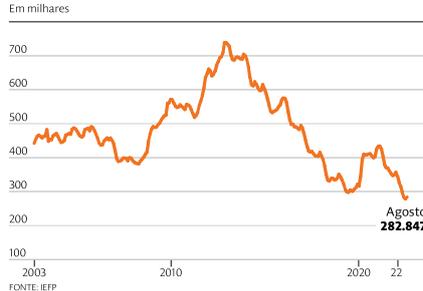
ará bastante mais provável se o crescimento em cadeia no terceiro trimestre já for negativo”, enfatiza o economista. Também João Borges de Assunção considera esse cenário “possível”, ainda que, “sem subida de desemprego, parece-me excessivo falar já em recessão”. Alerta, contudo, que, “se o PIB nos terceiro e quarto trimestres descer abaixo do patamar do final de 2019, isso deve ser motivo de preocupação”. Ainda assim, no cômputo de 2022 os números são de crescimento elevado da economia portuguesa, até pelo forte arranque do ano. A projeção do BPI é de 6,6%, mas está “em revisão descendente (ainda que moderada)”, diz a economista-chefe. Quanto ao ISEG, aponta para 6,2%. Já a Católica Lisbon é mais conservadora, com 5,2%. “Para já, as previsões são de um crescimento acima dos 6% e por enquanto não existem razões para questionar esse número”, remata Pedro Brinca.

SÓNIA M. LOURENÇO
slourenco@expresso.imprensa.pt

CONSUMO DE ELETRICIDADE ABRANDA
Variação homóloga do consumo médio de energia elétrica em dia útil, em %



DESEMPREGO REGISTADO INVERTE TENDÊNCIA E SOBE EM AGOSTO
Em milhares



OPERAÇÕES NA REDE MULTIBANCO MANTÉM FORTE CRESCIMENTO
Variação homóloga do valor total das operações de pagamento eletrónico, em %

